

TEXTOS (Sugestões para Seminários)

SOBRE A FORMA QUE DEVE TER UMA HISTÓRIA DO BRASIL (MARTIUS)

Sobre a forma que deve ter uma História do Brasil, seja-me permitido comunicar algumas observações. As obras até o presente publicadas sobre as províncias, em separado, são de preço inestimável. Elas abundam em fatos importantes, esclarecem até com minuciosidade muitos acontecimentos; contudo, não satisfazem ainda às exigências da verdadeira historiografia, porque se ressentem demais de certo espírito de crônicas. Um grande número de fatos e circunstâncias insignificantes, que como monotonia se repetem, e a relação minuciosa até o excesso de acontecimentos que se desvaneceram sem deixarem vestígios históricos, tudo isso, recebido em uma obra histórica, há de prejudicar o interesse da narração e confundir o juízo claro do leitor sobre o essencial da relação. O que avultará repetir-se o que cada governador fez ou deixou de fazer na sua província, ou relacionar fatos de nenhuma importância histórica, que se referem à administração de cidades, municípios ou bispados, etc; ou uma escrupulosa acumulação de citações e autos que nada provam, e cuja autenticidade histórica é por vezes duvidosa?. Tudo isso deverá, segundo a minha opinião, ser excluído.

Aqui se apresenta uma grande dificuldade em consequência da grande extensão do território brasileiro, da imensa variedade no que diz respeito à natureza que nos rodeia, aos costumes e usos e à composição da população de tão disparatados elementos. Assim como a província do Pará tem um clima inteiramente diferente, outro solo, outros produtos naturais, outra agricultura, indústria, outros costumes,

usos e precisões, do que a província do Rio Grande do Sul; assim acontece igualmente com as províncias da Bahia, Pernambuco e Minas. Em uma predomina quase exclusivamente a raça branca, descendente dos portugueses; na outra tem maior mistura com os índios; em uma terceira manifesta-se a importância da raça africana. O autor, que dirigisse com preferência as suas vistas sobre uma dessas circunstâncias, corria perigo de não escrever uma História do Brasil, mas sim uma série de histórias especiais de cada uma das províncias. Um outro, porém, que não desse a necessária atenção a estas particularidades, corria risco de não acertar com este tom local, que é indispensável onde se trata de despertar no leitor um vivo interesse, e dar às suas descrições aquela energia plástica, imprimir-lhe aquele fogo, que tanto admiramos nos grandes historiadores.

(Como se deve escrever a História do Brasil, 51-52. Rio de Janeiro, Inst. Hist. Geogr. Brasileiro, 1991 (Coleção Capistrano de Abreu, 1)

*

RETRATO DE UM MONARCA (MACAULAY)

A mente de Frederico Guilherme, no entanto, era tão anormal, que todas as suas tendências se transformavam em paixões e todas as suas paixões se apresentavam com o caráter de enfermidades morais ou intelectuais. A sua parcimônia degenerou em avareza sórdida. O seu gosto pela pompa militar e pela ordem adquiriu proporções de verdadeira mania, do tipo da de um burgomestre holandês pelas tulipas ou da de um membro do Roxburghe Club por “Caxtons”. Ao passo que os enviados diplomáticos da Corte de Berlim viviam numa situação de pobreza tão miserável que suscitava a hilaridade nas capitais estrangeiras; enquanto a alimentação dos príncipes e princesas de sangue real prussiano era demasiado escassa para que pudessem saciar seu apetite, e tão ruim que os esfomeados a repudiavam, preço algum era considerado

demasiadamente exorbitante para engajar recrutas de grande estatura. A ambição do rei era organizar uma brigante de gigantes, e os seus agentes percorriam vários países em busca de homens de estatura acima do normal. Estas buscas não se limitavam à Europa. Nenhuma cabeça que emergisse acima da multidão nos bazares de Alepo, do Cairo ou de Surat, escapava aos engajadores de recrutas de Frederico Guilherme.

(...) É de salientar que, não obstante o principal objetivo da administração de Frederico Guilherme consistir na posse de uma grande força militar; não obstante o seu reinado ter representado uma fase importância na história da disciplina militar; e ainda apesar de sua paixão dominante ser o amor pelas paradas militares, ele era, todavia, um dos príncipes mais pacíficos do mundo. Cumpre lamentar que a sua aversão pela guerra não tivesse sido o produto de qualquer sentimento humanitário; tratava-se, ao contrário, de uma das suas mil manias. A maneira como sentia em relação às suas tropas era muito semelhante ao sentimento que o avarento nutre pelo dinheiro. Tinha prazer em colecionar soldados e contá-los, para verificar como o seu número aumentava; mas não podia habituar-se à idéia de desfazer-se do seu tesouro precioso. Olhava para longe, para os futuros tempos em que os seus batalhões patagônios levariam de roldão, na sua frente, como carneiros, os soldados da infantaria inimiga; mas esse tempo futuro era constantemente protelado; e é provável que se tivesse vivido trinta anos mais, o seu exército nunca tivesse participado em operações militares de outro vulto que não fosse o combate simulado nos campos suburbanos de Berlim.

Mas os grandes recursos militares que acumulou estavam reservados para serem utilizados por um espírito mais ousado e com mais imaginação do que os seu.

(**Ensaístas ingleses**, cap. sobre Macaulay, 165-167. Trad. de J. Sarmiento de Beires. Rio de Janeiro, Jackson, 1964. ("Classicos Jackson", v. 27).